



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### **Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### **Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

886/2/10



THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES



# COLLECCÃO<sup>5</sup>

DE

VARIOS, E INTERESSANTES ESCRIPTOS

DO

*P. José Agostinho de Alcácer.*

\*\*\*\*\*

PUBLICADA

PELA SOCIEDADE PROPAGADORA DAS  
BELLAS LETRAS.



LISBOA.

TIP. DA SOCIEDADE.

*Calçada do Moinho de Vento N.º 25.*

1838.

269.8

M143ch

LRC

*Este folhete tem de sair com a posivel regularidade no dia 1.º de cada mes.*

*Achar-se-ham á venda na loja do Commissario da Sociedade [rua Augusta N.º 137], e nas mais do costume; Preço 60 reis.*

U.L.

679722-576

# 1.º Folheto.

## SATIRA

DIRIGIDA PELO P. JOSE AGOSTINHO DE MACEDO  
AO BEM CONHECIDO POETA  
MANOEL MARIA BARBOZA DE BOCAGE.

Sempre, ó Bocage, as Satiras serviram  
Para dar nome eterno, e fama a um tolo.  
Vive Crispino, e Clovieno, e Coldro  
De Juvenal nas Satiras sublimes;  
E d'Horacio o rival deu nome, e fama  
Ao pedante Cotim, e eu não quizera  
Teu nome eternizar; mas a verdade,  
A justiça, a razão mais alto bradam,  
E o flagello da Satira merece  
Teu estouvado orgulho, e audacia tua.  
Não ataco a virtude, ataco o vicio;  
Nunca se imputam naturaes defeitos,  
O crime da vontade é só punivel.  
Com semblante de Satyro podias  
Ser Poeta, e Philosopho prestante:  
Foi Socrates enorme Pope horrendo,  
Era pequeno, e barrigudo Horacio;  
Nem ser pobre se oppoem ao genio, ás artes,  
Foram pobres Camoens, Horacio, e Tasso.  
Nem ser vadio n'um Poeta é crime;

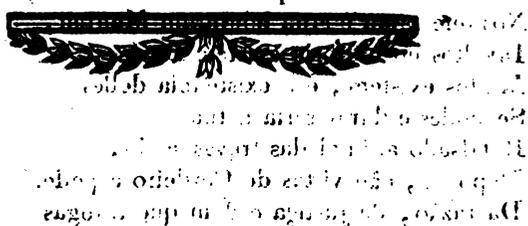
—4—

Das letargicas ondas ~~acallr-te,~~  
Brilhar com proprio ~~luz,~~ e é eternidade  
Levar com tigo a Patria, e as obras tuas;  
Em torvos ~~lagoes,~~ ~~deixar envelto~~  
O Luzitano Choro, ~~excepto os sete~~  
Brilhantissimos veados que exaltas;  
Gado, entre o qual cornigero levantas  
Mais orgulhosa a frente, por que insencam  
As traducções, que estolido assoalhas?  
E chamas douta prefação das Plantas  
Ao proprio leuor teu, que impune entoa?  
Só tu te podes dar, que essa injustiça  
Não cabe em versos de avizados Vates,  
Nã, foi soberba no Caator de Mantua,  
Agourar a seus versos nome eterno,  
Pela noite dos seculos rompendo,  
Tinha composto a Eneida; e se Horacio  
Diz que hade lido, ser, té onde Apollo  
Dos ultimos Galões seus raios manda;  
O mesmo Apollo em Cisne o transformára  
Para poder voar d'um polo ao outro,  
Nas pandas azas de fozozos hymnos;  
E se de Amor o interprete, se Ovidio  
Promete aos versos seus que nam de Jove  
As iras e rançor, de Jove os raios,  
A força sempre indomita dos annos,  
Ham de trazer-lhe esquecimento, ou morte,  
Tinba cantado os transmudadas corpos  
Em novas formas. Que cantas-te. Elmano,  
Que possa assoberbar da idade a força?  
A modestia, é brazão de um genio illustre;  
Dar-se a si mesma um nome é visio, é baldia  
Procura merece-lo, e deixa ao Mundo,  
Deixa ao futuro seculo o cuidado,  
Que antecipado tens de dar-te um nome;  
Teve Zoiros Homero, e os teve aquelle

Que expoz, cantando, do Troiano as armas,  
Tambem Tasso os sentio, mas por que aos Astros  
Poude subir nas azas da Epopeia;  
A inveja o perseguio, foi muda a inveja  
Depois que em cinzas se tornou seu corpo.  
Mas que cantas-te tu de inveja digno?  
A ferrea Olina que ninguem conhece,  
E os loucos zelos de uma vil rascoa,  
Se te tiram das serpes entrocadas,  
E das furias cruéis de Phlegeton,  
Se sai do peito teu o Inferno, a morte,  
Nada mais sabes dar, ficas qual foste,  
Secco, infeundo, caranguejo em versos.  
Sam em ordem retrograda ja lidos  
Versos que urdido tens, depois que o astro  
Deixas-te nas Gangeticas ribeiras;  
Deslocados fogachos que não sabem  
Colligir-se entre si. Bem disse aquelle  
Que imparcial tem lido as obras tuas,  
Carregadas d'antitheses, de tantas  
Infadonhas metáforas aos panes,  
Que lido um verso teu sam lidos todos;  
Infadonha cruel monotonia,  
Que aos ouvidos armenicos estafa.  
Sê grato aos Vates que te sofrem mudos,  
Festeja a tua Olina, e glosa em annos;  
E para teres não traduz mais versos,  
Olha o Pindaro novo, olha o Spocles,  
O novo Horacio; que persegue o vulgo  
Nos subalternos Vates, que não podem  
Erguer á umilde tradução seus versos;  
Quem te ouvir Rhadamanto da Poesia,  
Dirá que trajas Tragicos coturnos,  
Que embocaste a trombeta da Epopeia,  
Que tens mais astro, mais furor que Estacio.  
Dize que o verso é teu, que este não morre,

Se bochechudo, e enfatico repetes :  
» Se Lázia baquear baquea o Mundo :  
E dado que se encontre [o que eu te nego] !  
Em algum dos Auctores, que escreveram  
Cá desde Castanheda ao máu Piloto  
Do Comboio das petas, e mentiras,  
O verbo baquear delle ignorante,  
Da queda o effeito pela queda toma.  
Grita, espuma em publico, e nas Praças  
Cercado de Aguadeiros, e Marujos ;  
Mas louva-te a ti mesmo. Ah! pobre Elmano !  
Doente imaginario não te queixes  
D'um mal que inda não sentes, nem mereces.  
Tu, danado Aristarco, a todos ladras,  
Sabujo impertinente a todos mordes.  
Nos outros pões sem pejo as baldas tuas,  
E queixas-te da Satyra! Foi justa  
De Talião a pena. E quem te escapa  
A' dentada satyrica? abocanhas  
A virtude, e saber de um genio activo,  
Por que estudou da Europa as eultas linguas,  
E a patria vantajo es'uda, e serve.  
Que te fez Melizeu, se a fome e os annos  
Lhe deixam erma, e transversal a boca?  
Chamas por mósa tonsurado a Elmiro  
Propria escolha não foi de Elmiro o estado,  
Dizes que é baixo, e coixo o Transtegano,  
Dulcissimo Belmiro, e que não vóu?  
Não voão tanto as Pombas como as Aguias;  
Mas todas tem lugar no aerio espaço.  
Pindaro é forte, Anachreonthe é brando;  
Ambos Poetas sam, tem no Parnazo  
Lugar diverso, e no Parnazo existem.  
Se um genio triste estoa a Nenia triste,  
Que é guarda mór do cimiterio exclamas,  
Josino é mejançolico, e risonho,

Engraçado Escavor, Poetas ambos:  
 E' Melpomne Musa e Musa Erato.  
 Se a ninguem dás louvor, ning'heor t'insensa;  
 Se queres ser louvado aos outros louva:  
 O Mundo é justo, e se o louvor mereces  
 O louvor te hade dar: Nunca o silencio  
 Foi da inveja o caracter: se emudecem,  
 Tu mereces justicima indifferença.  
 Com prudente apathia o Sabio escuta  
 O louvor teu, as invectivas tuas.  
 Um cão que se despresa ou calla, ou fuge  
 Como fuge de ti tímida Olinda;  
 Se lhe fallas de Amor tornado em bruchos  
 No Idilio Pharmaceutico inda fóra  
 Mais meiga Alecto se de Amor fallasse.  
 Arrepiam-se as carnes, e os cabellos,  
 A' pobre Muça que te escuta os versos,  
 Com torvo rosto idestreitando os zelos  
 Eia pois, meu Bocage, entra em ti mesmo,  
 Se queres ser louvado ajunta, aprende,  
 Boa moral com sonoras Rimas.  
 Não dorme Elmiro, quando chamas Zoilo;  
 Nem deixa a Minha Musa o orgulho impune.



*Julgo que os Amadores das Bellas Letras ham de apreciar a leitura da seguinte resposta de Manoel Maria Barboza de Bocage.*

# SATIRA

Tu nihil invicta dicis, facieve Minerva.

*Horat. Art. Poetica*

Invidia rumpantur est illa Eodem

*King. Eclog. V. 14*

Satiras prestam, Satiras são boas, e obsequio  
 Quando nella zelumnia o sel não vorta,  
 Quando a voz de Censor, não voa de Zoilo,  
 O vicio nota, e o merito gradua,  
 Quando forçado, epitheto afrontoso,  
 [Tal que não cabe a si] não cabe á quallet,  
 Que ja na infancia consultavam Phébo,  
 Elmiros de Paris, Cotins sam, vixos d'el  
 No metro de Boileau, mordaz, mas pulchro:  
 Codros, Crispinos, Clotilde, sonnos  
 No latido feroz de cães d' Aquino,  
 D'esse coiza mordaz mordendo infimas,  
 E cuja fantasia em vão rastejas:  
 Nos igneos versos, que Veneza illustram,  
 Nos que ~~lamba arame~~  
 Involto no ~~lamba arame~~  
 Muitos existem, e a existencia delles  
 Se podesse durar seria a tua.  
 Refalsado animal das trevas socio,  
 Depoem, não vistas de Cordeiro a pelle.  
 Da razão, da justiça o dom que arrogas  
 Jamais purificou teus labios torpes,  
 Torpes do lamaçal, donde zunindo  
 Nuvens de insectos vis te robem trovas

A' mente erma de idéas, nua d'arte  
 Como hasde ó Zoilo, eternizar meu nome,  
 Se es Pados, permanencia ao teu redaram!  
 Se a ponte, que a atravessa o mudo rio,  
 Que os Vates, que os Heroes, transpõem seguros,  
 Tem fatal boqueirão por onde absorto,  
 Trás ao vilipendio, irás ao nada,  
 Ficando em cima il'cao, honrado o nome,  
 Que em dicitérios plabeus, em chulas frazes,  
 Debalde intentas, submergir, sem tigo,  
 Empresa-te a razão? Responde, e tremes,  
 Do Philosopho a theza, a tax do Amante,  
 O ar da meditação, a imagem d'alma,  
 Em que fundas paixões, a essencia misam,  
 Paixões da Natureza, e não d'a tuas,  
 O que parece em mim, é vista abjecto,  
 A muita palidez, o olhar, sombrio,  
 O que, pretorirão, desengenhosa,  
 Dos cujos trivios na language aponta!  
 Que importa, ó Zoilo, ao litterato Mundo,  
 Que importa descarnado e macilento,  
 Não ter meu rosto o que alieia os olhos,  
 Em quanto nedio, e reshunchudo, é custa  
 De vão Festeiro, estúpida Irmandade,  
 Repimpado nos pulpitos, que aviltas,  
 Afofas teus sermões, venças fazendas,  
 [Cujos credores nos Elisios ferrem],  
 Trovejas, enrouqueces, não comoves,  
 Gelas a contrição no centro d'alma,  
 Ostentas ferreo Nume, Coues de bronze,  
 E a cada berro, minorando a turba,  
 Compras na Aldéa do Barbeiro o voto,  
 Alli triumphas, e a Cidade enjogas!  
 Tu, de cerebro pingue, e pingue face,  
 Farizaica ironia em vão rebucas,

Quando a penuria ad' thevaldo expobas,  
Que tem com a natureza o que é da sorte;  
Ou dá-me o platio p'rá attair-lhe as graças,  
[Mas sem que seja escravo] ou não profaneas;  
Indigencia, e moral, quaes tu não citas,  
Põe-me de inutil; de vadio a taxa;  
Tu, que vadio, e errante; odezo, inutil;  
As praças d'Ulissea á toa opprimes;  
Ou do bom Daniel na t'rra estancia;  
Peçonhas de invectiva expremes d'alma,  
Que entre negros chapéos também negraja;  
E ante o caixeiro boquiberto arrotas,  
Arrotas entre o vulgo a Encyclopédia;  
Fadas; agouras o splendor que invejas;  
Arranhas mortos, ataxalhas vivos;  
In-ultas a grandeza; a immuniidade;  
Do eterno Mantuano, e das a Estacio;  
Um grán, qu'entregue ao Deus, qu'ardando em estro,  
De Thebas o Cantor tentar não onsa,  
Quando á Muza da morte enfreia os voos,  
E quer que a Eneida cá de longe adere,  
De preferencia catroz inda não pago,  
Desgraças ao cultor d'amor, do Vate;  
De Nasonia Elegia, aos sons piedosos.  
Que o Ponto onvir com dor, com magoa o Tibre,  
Versos propões Sarmatico-Latinos,  
Versos, que inda do borel, e do claastro cheiram,  
E que, afrontoso a' ty, de applausos coróas,  
Só por distarem de teus versos pouco;  
Sanguixuga de p'rridos Auctores,  
Que vais em cobre vil remir das Fendas,  
Em quanto palavroso impões aos nescios,  
E a credulo tropel roncando afirmas  
Que revolveste, o que roças-te apenas.  
[Fallo das Artes, das sciencias fallo]

Em quanto a estatua da ignorancia elevas,  
Os dias eu consumo, eu vello as noites  
Nos desordenados indigentes lares;  
Submisso aos Fados meus alli componho,  
A'pezada existencia honesto arrimo,  
Co'a mão que Plêbeo estende' nos seus, a poucos:  
Alli deveres, que não tens, nem prézas,  
Com fraterna piedade acato, exerço:  
Cultivo affectos á tua alma extranhos,  
Dando á virtude quanto das ao vicio.  
Não me inviletes allt' d'um Frado o teldo,  
Alli me esforça o genio, o brio ás lasas,  
Coração bemfazejo, e tanto, e tanto,  
Que a ti, seu depressor, protege, acolhe,  
Que em redondo caracter te propaga.  
A rapsodia servil, Poema intruso,  
Pilhagem que fizeste em mil volumes;  
Teu pejado armazem d'atheos fardos,  
Onde a monotonia os machos, os volves,  
E a teimoza apostrophe-rei esfalta,  
Já com os Ceus entendendo, já com a terra.  
Inda não me elevei do Pindo ao cume  
Com fama, que asoberbe os sumos Vates;  
Porém, graças ao dom que não desdouras,  
Com a birra 'stulta de emperradas trovas,  
Vou sobranceiro a ti, de longe tolbo,  
E na publica voz, que se não merça,  
Elmano a Cisne aspira: Elmiro é Ganço,  
E' Ganço que patinha, e se enlameia.  
Em podres ledogaes, paues do Lethes,  
A circulos pueris, a vãos Narcizos  
A Lucrecias nã-sala, a Laís n'alcoba,  
E ainda ás Sajas do tempo os bravos poupo:  
Insulso rimador de fados, settas,  
Nugas não douro, não mendigo applausos.

De vacuas fontes, plagiarias linguas;  
Não sou nem d'improvisos que és d'espago.  
Claro auditorio meu vingai-me a gloria.  
Vós, que em versos altíssimos, mil vezes  
Me visteis ir voando ás fontes do estre,  
Dizei se me sugiram Gracia e Roma;  
Nas promptas exultações do entusiasmo,  
Se a razão, se a moral, se as leis, se a patria,  
Do metro destemido objectos foram?  
Ou das Marilias d'hoje o riso insulto,  
Dos olhos o commercio, e não das almas,  
O melindre sagaz, ligião materna;  
E a mercantil firmeza, e sem notada,  
Dizei... mas, contra ti, sobeja Elmeo,  
Teus uivos, teus latidos não me aterroram,  
Sou do novo Trifauce, Alcides novo,  
Nda não farto de arrancá-lhe as sombras,  
As tres gargantas levari, d'un golpe,  
E se a caníua apunha, ou sangue infecto,  
Fonstro gerar, que multiplique a morte,  
Das Furias, orçião dhe terre as fontes,  
Braveja, detractor, subroveja insano,  
Arde, blasfema em vão se d'algos te sirva,  
Tenaz verdade, que te cõa por dentro,  
E a voz deprimos, o que admiras n'almas,  
E provas queres, e te exhibe as provas,  
Do que o teu coração desdiz dos labios,  
E raze á mente o lugar, e a voz primeira,  
Im que, dado á tristata, e curvo aos ferros,  
Ohaste, ouyiste Elmeo, e grande o arrebo,  
Quando ainda os voos tímidos, allaya  
A immensidade azul, que ac Astres guia,  
Quando, não sabe por sistema o fugas,  
Mas só da Natureza endorrecado,  
Guia o raste de pavorosos, Cines,

Pousando muito a quem do grão que occupa,  
 Ainda carecendo de ignea força,  
 Que á Patria deu Leandro, o Igneo Medea,  
 O astro dos Helos, d'Arnoes, d'Argina,  
 A historia, que o saber colheu d'Ovidio,  
 Na dicção narrativa, experta, idnea,  
 E' o mais ás Musas grato, e grato á Lisia,  
 Da estancia, onde nem sempre habita o crime,  
 Epistola sem sal, por ti guizada,  
 Em taes louvores incluto meu nome,  
 Versos escuta, que negar não podes,  
 Estilo é teu, monotonia é tua,  
 O que nelles se envolve escuta em premio,  
 Da empreza, que tomaste de os por na mento,  
 » Do centro d'esta grata triste, e muda,  
 » Fecundo Elmano, pelas Musas dado,  
 » O prisioneiro Elmiro te sauda,  
 » De teus aureos talentos encantado,  
 » De ti só falla, só por ti suspira,  
 » Em teu divino capto arrebatado,  
 Quem fertil homeaste, e quem divino,  
 Hoje é servil, monotono, infocundo,  
 De texto optimo interprete ingolado,  
 Co'a idade, e estado o genio em todos crees a mo,  
 Em mim desfaleceu com a idade, e estado,  
 Responde ao teu Juiz, ao são criterio,  
 Réo de leza Razão. Trazes á Patria  
 Nova fertilidade em plantas nobres,  
 Manter-lhe as flores, conservar-lhe os fructos,  
 Qaes heram no sabor, na terçonal forma,  
 Sendo o tronco, a raiz, a copa, os mesmos,  
 Sem que os estranhos desconheça o dono,  
 E' fadiga vulgar? Não tem mais prago,  
 Do que esse, que os carretos guardos,  
 Do Gallego bugal, nos ferreos hombros,

Vetter com melodia, ardor, pureza,  
O metro peregrino em Lusó metro;  
Dos idiotismos aplanando o estorvo,  
D'um, d'outro idioma discernindo os genios,  
O caracter do texto expor na glossa,  
Propreo tornando, e natural o alheio;  
E' ser Bugio, Papagaio, Elmiro?  
Confronta os originaes, e a par d'elles  
Verás se a Muza, que de rastos pintas,  
No voo altivo, o Sulmonense attinge,  
Cast-ile transcende, com Dellile ombreia;  
Citas um verso máu, mil bons não citas;  
Citas um verso máu, que queres transformar  
Em Matos os Jardins? E' natureza  
Estarem par a par espinhos flores;  
E não sabes, malevolo, que a regra  
Une a tenues objectos simples frases!  
Se imparcial, se crítico escorevases,  
Centenas d'aureos versos apontas  
Sem de um só deduzir sentença iniqua:  
D'Auzonia o quadro, ou venerando, ou bello,  
Com justa sabia mão presentarias  
Idades cento blazonando so longe  
Com a ruina immortal de excelça Roma,  
Ante as aras carpindo amor, saudade  
E aos Ceus medrosas lagrimas furtando,  
Aos amigos dos homens, e aos dós Nomes,  
Na terra verdejando Ellisios novos,  
Correntes sem remor como as do Lethes,  
Os males na memoria adormecendo,  
E em marmores Coninthios alvejantes  
O grande Penelon, e o grande Henrique;  
Se o rival de Virgilio, ó que proclamas,  
Por que de Gallia é filho, e não de Liria,  
A cujo ceio, em que turbullum genies,

Chamas com lingua audaz esteril d'elles :  
Se o rival de Virgilio ouvisse os versos  
Do interprete fiel, não vil escravo,  
Honráta c'um sorriso uteis suores.  
Pede ao molle Beluero anão de Phebo,  
Ao que ergues uma vez, e mil derrubas,  
Pede ao vampiro, que a ti mesmo, ha pouco,  
Nas tendas, nos caffès, deveu sarcasmos,  
Pede ao bom Melizen d'Arcadia Fauno,  
De avelada existencia, e mente exausta,  
Que affectas levantar, e astuto abates,  
Que por arfeloá troca os sons d'Euterpe,  
[Os sons da tua Euterpe, e não da minha]  
Dize ao teu Choro de garganta indocil,  
Sem que esqueça o pigmeu no corpo, e n'alma,  
Dize dos Corvos d'Ullissea ao bando,  
Que interprete qual fui d'eximios Vates,  
Não pagos d'ir no rasto o vô alteem,  
Ou tu mesmo apresenta, off'rece a crise  
De gordo original versão mirrada,  
Sulcando o Estacio teu d'unhadas minhas,  
De muitas, que soffreste, e que aproveitas!  
Nelle [ó desgraça! ó labéo!] por ti mudadas  
A pompa na indigencia, o lucto em riso:  
Mostra em teus versos as imagens tuas  
Tibias, informes, incólhidas, mortas,  
Desdentado Leão, Leão sem garras,  
Que a longa idade succumbiu rugindo,  
Mas Leão, que de perto inda é terrivel,  
E que, no quadro teu, vale um Cordão.  
Ousa mais, a Luziada não sumas,  
Que o numero de versos fez Poemas,  
Tal que seu mesmo pai sem dó o enterra.  
Expõe no Tribunal da Eternidade,  
Munumentos d'audacia, não d'engenho;

O prologo alteroso, em que abocanhas  
Do Luzo Homero ae veneraveis cinezas,  
E não d'inepio, d'apoucado arguas  
Quem, por que teme a queda, encolhe as atas,  
Que de efemerós vivas não contenté  
Chegado a mais que tu s'atreve a menos.  
Nem somente Melpomne dispença  
Grão nome, nem Calliope somente;  
Como os Voltaires na memoria vivem  
La Fontaines, Chaulieus existem n'ella:  
Todos tem nome e grau, ta mesmo o dizes,  
Contraditorio, tumido versista:  
Thema que escolhes, genero que abruças,  
Não te honra, nem d'sluz; no desempenho  
O lustre, a gloria estam; tem jus á fama  
O Vate ou cante Herões, ou cant'Amorés,  
Com tanto que de Phebo as leis não torça,  
Aos mui varios as umptos ajustadas.  
Com a materia convem cazar o estio,  
Levantar-se a expressão se é grande a idea;  
Se a idea é negra a elocução negreje;  
E tenue sendo se atenua a frase.  
Segue o que tens de cõr, mas não praticas,  
Serás o que não és, o que não foste.  
Quando das Muzas no Almanach... [ai triste  
Que a par de seus irmãos morreu de traça]  
Forjaste d'uma Fœira equívoca Ninfa,  
Jacinta d'um Tritão fingiste acceza;  
Chamaste grande amonico a Hierono,  
Ao fusco trocador, que em Papageio  
Transformaste depois; havendo impado  
Com tavernal chantana, a brève almogo  
A expensas do cidadão Orango-Otango,  
Que uma Serpe engordou cevando Etmiro.  
Os teus vicios em rosto nos mais não lanças,

Tu Furia, tu Dragão, que entornas peste  
Por sistema, por habito, por genio.  
Os sete que detrais em que te agravam?  
Querias, par a par, subir com elles  
Nas azas do louvor a ignotos Climas?  
Que disseras, mordaz, quando a mimoza,  
Quando a celeste Catalani exala  
Milagres de ternura, e d'armonia:  
Sim, que disseras, se, ultrajando a scena  
De roncanha bandurra um Biltre armado  
Ante a assemblea estatica impingisse  
Solfa mazomba, Hespanico Bolero?  
Pois isto, ó Zoilo, tão improprio fôra  
Como anexar teu nome aos sete, aos outros,  
Que do silencio meu não colhem marchas,  
Nem carecem de mim por si famosos,  
Ha muito em lira eterna ao polo erguidos.  
Verdade, rectidão, vós sois meus numes.  
Vê se as adoro, ó Zoilo, eu amo Alcino,  
Filinto, Coriden, Elpino eu louvo,  
Todo me apraz Dorindo, Alfeno em parte,  
Nas trovas para mim rehez Tomino.  
Nos versos transcendentes me arrebató,  
Prezo alumnos Phebeos, desprezo Elmitos:  
D'alta justiça que mais prova exiges?  
Tu, que de iniquo, e parcial me increpas,  
Tu, que em vez de razões, opprobrios vibras,  
Perante um Mundo que te sabe a historia,  
Tu, que afficito á moral dos Tupinambas,  
Tens ampla consciencia, onde amizade,  
Onde amor, e outros vinculos sagrados  
Sam nomes vão, fantasticos direitos,  
Tu... mas lingua de bronze, e voz de ferro  
Mal de teus vicios a excepção seriam,  
Indomito Moloso, ardido ex-Frade,

**Barcode  
Inside**